Alexandre Ramos da Silva

O Pequeno e Prático Guia do Católico Raiz para a Via-Sacra

Alexandre Ramos da Silva

O Pequeno e Prático Guia do Católico Raiz para a **Via-Sacra**

5ª edição, revista e ampliada
2026

INTRODUÇÃO

A devoção da Via-Sacra, tal como a conhecemos hoje, é fruto direto da espiritualidade e da custódia franciscana dos Lugares Santos. Em 21 de novembro de 1342, o Papa Clemente VI, pela bula *Gratias Agimus*, confiou oficialmente aos franciscanos a guarda perpétua dos santuários de Jerusalém. Desde então, os frades, que já acompanhavam os peregrinos pelas ruas da Via Dolorosa, começaram a reproduzir, nas igrejas e conventos da Europa, pequenas capelas e estações que imitavam o caminho percorrido por Jesus.

Quando as peregrinações se tornaram perigosas ou impossíveis após o fim das Cruzadas, foram eles que levaram o Calvário até o povo, erguendo "Montes Sacros" e instalando as estações dentro das igrejas. Em 1686, o Papa Inocêncio XI concedeu-lhes indulgências especiais para que qualquer fiel pudesse ganhar, na sua própria igreja, as mesmas graças que obteria ao caminhar fisicamente em Jerusalém. No século XVIII, o franciscano São Leonardo de Porto Maurício (1676-1751) deu o impulso definitivo: pregou a Via-Sacra durante 43 anos, ergueu 572 estações (inclusive a célebre do Coliseu de Roma em 1750) e fixou a forma atual das catorze estações, que a Igreja adotou universalmente.

AS ESTAÇÕES

I Estação: Jesus é condenado à morte

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Prefiguração do AT: José vendido pelos irmãos: "Quando passaram os mercadores madianitas, eles retiraram José da cisterna. Venderam José aos ismaelitas por vinte siclos de prata e José foi levado ao Egito" (Gn 37,28).

Narrativa do NT: Chegada a manhã, todos os principais sacerdotes e os anciãos do povo formaram conselho contra Jesus para o matarem. Manietando-o, levaram-no e o entregaram ao governador Pôncio Pilatos. Pilatos perguntou: "Tu és o rei dos judeus?". Jesus respondeu: "Tu o dizes". Os principais sacerdotes o acusavam de muitas coisas, mas ele nada respondia. Pilatos, sabendo que por inveja o haviam entregado, interrogou-o novamente e propôs soltá-lo, pois costumava libertar um preso na Páscoa. A multidão, instigada pelos sacerdotes,

pediu Barrabás, o sedicioso, e gritou: “Crucifica-o!”. Pilatos lavou as mãos diante da multidão, dizendo: “Estou inocente do sangue deste justo”. E, depois de o mandar açoitar, entregou-o para ser crucificado (Mt 27,1-2.11-26; Mc 15,1-15; Lc 23,1-25; Jo 18,28-19,16).

Descrição: Amanhecer de sexta-feira, 14 de Nisã do ano 30, no pretório da Fortaleza Antônia. O Sinédrio já condenara Jesus por blasfêmia numa sessão noturna ilegal; agora precisava da autorização romana para a execução. Pilatos, o procurador que já ordenara milhares de crucifixões, interrogou o prisioneiro em latim e grego. A resposta foi breve. A multidão orquestrada pelos sumos sacerdotes Caifás e Anás exigiu a morte e a libertação de Barrabás. A sentença foi: *Ibis ad crucem* (“Seja crucificado”).

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

II Estação: Jesus recebe a cruz

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Prefiguração do AT: Isaac carregando a lenha: “Abraão tomou a lenha do holocausto e a colocou sobre seu filho Isaac, tendo ele mesmo tomado nas mãos o fogo e o cutelo, e foram-se os dois juntos” (Gn 22,6).

Narrativa do NT: Então entregaram-lhe a cruz para que a levasse ao lugar chamado Gólgota (Jo 19,17).

Descrição: No pátio interno do pretório, os soldados romanos entregaram a Jesus o *patibulum*, a travessa horizontal de pinho de cerca de cinquenta quilos, ainda úmida do sangue das execuções anteriores. Ele a recebeu sobre os ombros já abertos pela flagelação com o *flagrum* de bolas de chumbo e ossos de ovelha. O cortejo saiu pelo portão. O peso real forçava cada passo descalço sobre a pedra, deixando um rastro fino de sangue. O império e o Templo haviam reduzido o Filho do Homem a mais um condenado à morte.

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

III Estação: Jesus cai pela primeira vez

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Origem: Segundo a tradição antiga preservada na devoção dos peregrinos a Jerusalém desde o século IV, e incorporada nas estações franciscanas do século XIV.

Descrição: A rua subia em rampa íngreme. O *patibulum* desequilibrou o corpo já exangue após a perda estimada de um litro e meio de sangue na flagelação. Jesus caiu de joelhos e cotovelo; a madeira bateu na pedra com som seco. Os soldados o levantaram pelos cabelos. O choque hipovolêmico começava. O mecanismo do inimigo seguia seu curso sem interrupção.

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

IV Estação: Jesus encontra a sua Mãe

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Origem: Segundo a piedosa tradição segundo a qual a própria Virgem Maria relembrava diariamente o caminho da cruz após a Ascensão, registrada desde os primeiros séculos da Igreja e preservada na liturgia.

Descrição: Na rua estreita, a mãe de Jesus surgiu no cruzamento. Os olhares se cruzaram por breves segundos. Nenhum gesto além do encontro silencioso entre o rosto rasgado e o rosto imóvel. Os soldados empurraram o cortejo. O inimigo que atingia o Filho atingia também a Mãe, sem nenhuma exceção.

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

V Estação: Simão de Cirene ajuda a carregar a cruz

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Narrativa do NT: E, quando o conduziam, lançaram mão de um certo Simão, cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas, para que a levasse após Jesus. Era o pai de Alexandre e Rufo (Mc 15,21; Lc 23,26).

Descrição: Quase na porta da cidade, um legionário agarrou Simão, judeu da Cirene que voltava do campo. Forçou-o a tomar o *patibulum*. Jesus prosseguiu aliviado em parte do peso. Dois homens sob a mesma madeira: um forçado, outro que aceitava.

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

VI Estação: Verônica enxuga o rosto de Jesus

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Origem: Segundo a tradição cristã antiga atestada em Jerusalém desde o século IV, com a memória da mulher que enxugou o rosto preservada na Igreja primitiva e incorporada na Via-Sacra pelos franciscanos.

Descrição: Uma mulher chamada Verônica aproximou-se e estendeu um lenço de linho. Jesus pressionou o rosto contra ele. O pano reteve a imagem dos traços inchados, do sangue e do suor. O gesto foi rápido e furtivo. Os soldados não o impediram. O inimigo não conseguiu apagar a Sagrada Face.

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

VII Estação: Jesus cai pela segunda vez

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Origem: Segundo a tradição antiga preservada na devoção dos peregrinos a Jerusalém desde o século IV e incorporada nas estações franciscanas do século XIV.

Descrição: Na subida final para o Gólgota, as pernas falharam. Segundo colapso. Joelhos e ombros bateram na pedra; o *patibulum*

escorregou. Os soldados praguejaram em latim vulgar. Jesus levantou-se sozinho. A respiração tornara-se curta; as costelas visíveis. O corpo atingia o limite humano.

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

VIII Estação: Jesus encontra as mulheres de Jerusalém

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Narrativa do NT: E seguia-o grande multidão de povo e de mulheres que choravam e lamentavam por ele. Jesus, voltando-se para elas, disse: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas e por vossos filhos” (Lc 23,27-31).

Descrição: Um grupo de mulheres chorava alto. Jesus parou e virou-se. As palavras saíram secas e proféticas. O silêncio caiu sobre elas imediatamente. O condenado dirigiu-se às que choravam por ele. O inimigo que viria sobre a cidade seria ainda maior.

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

IX Estação: Jesus cai pela terceira vez

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Origem: Segundo a tradição antiga preservada na devoção dos peregrinos a Jerusalém desde o século IV e incorporada nas estações franciscanas do século XIV.

Descrição: No topo da colina, terceiro colapso. O corpo inteiro tombou. A madeira pesada prendeu-o ao chão. Os soldados arrastaram-no pelos braços. O Gólgota era uma pedreira abandonada, onde se jogava lixo e condenados eram executados.

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

X Estação: Jesus é despojado de suas vestes

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Prefiguração do AT: “Repartem entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica tiram sorte” (Sl 22,19).

Narrativa do NT: Os soldados, pois, quando crucificaram Jesus, tomaram as suas vestes e fizeram quatro partes, uma para cada soldado, e também a túnica. A túnica era sem costura, tecida toda de alto a baixo. Disseram, pois uns aos outros: “Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela” (Jo 19,23-24; Mt 27,35).

Descrição: No alto do Gólgota, os soldados arrancaram a túnica única, colada às feridas pela coagulação. A pele rasgou-se novamente. Quatro legionários lançaram sortes pelas roupas. Jesus ficou nu diante de todos. O corpo era apenas o instrumento de uma execução romana rotineira.

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

XI Estação: Jesus é pregado na cruz

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Prefiguração do AT: A serpente de bronze: “Moisés, portanto, fez uma serpente de bronze e a colocou em uma haste; se alguém era mordido por uma serpente, contemplava a serpente de bronze e vivia” (Nm 21,9).

Narrativa do NT: E ali o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio. Os soldados pregaram-no na cruz (Jo 19,18; Mc 15,24).

Descrição: Deitaram Jesus sobre a cruz ainda no chão. Pregos de ferro quadrados de quinze centímetros atravessaram-Lhe os pulsos. Marteladas secas ecoaram. Depois os pés sobrepostos. O *patibulum* foi encaixado no *stipes* vertical fixo. O corpo foi elevado. O peso puxou os braços.

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

XII Estação: Jesus morre na cruz

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Prefigurações do AT: O Cordeiro Pascal: “Há de comer-se numa só casa, e não levareis dessa casa nenhum pedaço de carne. Não quebrareis osso algum” (Ex 12,46). O Servo Sofredor: “Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado em virtude das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados” (Is 53,5).

Narrativa do NT: Desde a hora sexta houve trevas sobre toda a terra até a hora nona. Perto da hora nona, Jesus clamou em alta voz: “*Eli, Eli, lama sabactâni?*”. Depois disse: “Tenho sede”. E, tendo bebido o vinagre que lhe foi dado, disse: “Tudo está consumado”. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito. Um dos soldados, com a lança, perfurou-lhe o lado, e logo saiu sangue e água (Mt 27,45-50; Jo 19,28-30.34; Lc 23,44-46).

Descrição: Das nove às quinze horas. Trevas cobriram a terra, fato registrado também por fontes não cristãs. Sede extrema. “Tudo está consumado”. A cabeça inclinou-se. A morte foi por asfixia combinada com choque hipovolêmico. No mesmo momento, os cordeiros pascais eram sacrificados no altar do Templo. O inocente absoluto estava morto, momentos antes do início do Grande Sábado. Pouco depois, para ter certeza de que estava morto, um soldado romano perfurou-lhe o lado, atingindo o coração: água e sangue jorraram.

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

XIII Estação: Jesus é descido da cruz

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Narrativa do NT: José de Arimateia, membro do Sinédrio, foi a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Pilatos permitiu. Nicodemos também veio, trazendo mirra e aloés. Tomaram o corpo de Jesus e o envolveram

em lençóis com as especiarias (Jo 19,38-42).

Descrição: Antes do pôr-do-sol, José de Arimateia e Nicodemos receberam permissão de Pilatos para retirar o corpo de Jesus da cruz e sepultá-lo. Com cordas, desceram o corpo. Maria recebeu o filho nos braços. O peso morto, os membros rígidos, o sangue seco. O inimigo concluíra seu trabalho, ou pelo menos assim pensava.

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

XIV Estação: Jesus é sepultado

V: Nós Vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e Vos bendizemos.

R: Porque pela Vossa santa Cruz remistes o mundo.

Prefiguração do AT: Jonas no ventre do peixe: "Como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no seio da terra" (Mt 12,40).

Narrativa do NT: José de Arimateia tomou o corpo, envolveu-o num lençol limpo e o depositou no seu próprio sepulcro novo, que mandara lavrar na rocha. E, rolando uma grande pedra para a porta do sepulcro, retirou-se. Estavam ali Maria Madalena e a outra Maria, assentadas defronte do sepulcro. No dia seguinte, os principais sacerdotes e os fariseus selaram o sepulcro e puseram guarda (Mt 27,57-66; Mc 15,42-47; Lc 23,50-56; Jo 19,38-42).

Descrição: Tumba nova cortada na rocha, no jardim junto ao Gólgota. O corpo foi envolvido com quarenta e cinco quilos de mirra e aloés. A pedra circular de uma tonelada e meia foi rolada sobre a entrada. Selada e guardada por soldados romanos. Relatórios oficiais romanos e judaicos confirmaram: sepultamento completo antes do pôr do sol, antes do início do sabá. Parecia o fim.

Pai-Nosso.

Ave-Maria.

Glória.

APÊNDICE I
As irregularidades no processo de Jesus

O julgamento de Jesus de Nazaré, realizado sob a autoridade de Pôncio Pilatos, procurador romano da Judeia, deve ser compreendido no contexto do direito romano aplicado aos provincianos.

Pilatos atuava como ponto de convergência entre as exigências de Roma e as tensões locais. Como oficial romano, ele detinha autoridade civil e militar direta, mas não era soberano: reportava-se ao Imperador e era supervisionado pelo Governador da Síria. Essa subordinação significava que Pilatos gozava de autonomia administrativa, mas precisava evitar instabilidades que atraíssem a atenção de seus superiores, tornando sua gestão um exercício constante de equilíbrio político.

Em sua relação com as lideranças locais, Pilatos exercia uma tutela precariamente equilibrada. Embora Herodes Antipas administrasse a Galileia como tetrarca, sua autoridade era limitada; em questões de segurança ou sentenças capitais, a palavra final pertencia ao procurador romano. No âmbito religioso, Pilatos interagia com o Sinédrio, que possuía influência social e judiciária sobre crimes menores, mas era legalmente impedido de executar a pena de morte. Assim, os líderes judeus dependiam da validação de Pilatos para decisões extremas, o que frequentemente o colocava sob pressão para atender a demandas locais em troca da manutenção da ordem pública na província.

Em termos judiciais, os não-cidadãos romanos estavam sujeitos aos tribunais provinciais e a sanções severas, mas tinham garantias mínimas de defesa, como a apresentação de testemunhas e a condução formal do processo. A execução de um acusado sem observância desses procedimentos constituía irregularidade jurídica.

No caso de Jesus, várias dessas irregularidades são evidentes. Após o interrogatório de Jesus na casa de Anás durante a noite, e a condenação de crime religioso pelo Sinédrio logo ao alvorecer, o julgamento por Pilatos ocorreu de forma rápida e sem tempo suficiente para a defesa do acusado. Além disso, a acusação de sedição ou pretensão messiânica não apresentava provas concretas, um requisito essencial no direito romano, o que torna a condenação juridicamente problemática. Como a acusação de crime religioso seria indiferente para Pilatos, o Sinédrio insistiu na acusação política, de sedição, apresentada sem provas nem testemunhas.

Outro ponto crítico foi a pressão política exercida sobre Pilatos. Embora reconhecesse a ausência de culpa clara, Pilatos autorizou a execução de Jesus, evidenciando a tensão entre justiça legal e manutenção da ordem pública.

A ausência de defesa formal também é relevante. O direito romano garantia ao acusado, mesmo que provinciano, o direito de questionar testemunhos e apresentar provas contrárias. No processo de Jesus, não há indicação de que tais direitos tenham sido plenamente exercidos, reforçando o caráter irregular do julgamento.

Finalmente, a execução por crucificação, normalmente reservada a crimes graves contra o Estado, ocorreu sem o devido processo que confirmasse uma ameaça concreta à autoridade romana. Isso indica que o julgamento não seguiu plenamente os preceitos legais, refletindo a influência política sobre um procedimento judicial que deveria ser impessoal.

Em resumo, o processo contra Jesus demonstra desvios claros das normas do direito romano: julgamento apressado, acusação vaga, ausência de defesa adequada e influência externa sobre o magistrado. Mesmo sob autoridade formal de Pilatos, o caso evidencia como fatores políticos podiam se sobrepor à justiça legal nas províncias do Império Romano, tornando o episódio uma referência sobre a interação entre lei, poder e moralidade.

APÊNDICE II
O protocolo de uma execução romana

A partir da pronúncia da sentença *Ibis ad crucem* pelo procurador romano, o condenado perdia imediatamente todo estatuto jurídico e humano. Tornava-se *res* — uma coisa pertencente ao Estado romano para a execução pública. Não havia recurso, nem consideração pessoal. A operação seguia protocolo militar padronizado, documentado por historiadores romanos e reconstruído forensicamente por Vittorio Messori em *Padeceu sob Pôncio Pilatos?* e pelo cirurgião Pierre Barbet em estudos sobre a mecânica da crucificação.

A execução propriamente dita começava com a fixação do *patibulum* (travessa horizontal) aos pulsos do condenado por pregos quadrados de ferro de cerca de 15 cm, atravessando o espaço de Destot no carpo. O *patibulum* era então encaixado no *stipes* (poste vertical fixo no local da execução). Os pés eram sobrepostos e pregados com um único prego longo. Elevado o conjunto, o peso do corpo recaía alternadamente sobre os pregos dos pulsos e dos pés. A morte ocorria por asfixia progressiva: o condenado precisava erguer-se sobre os pregos dos pés para inspirar; o cansaço muscular e a perda

sanguínea prévia (da flagelação) tornavam o movimento cada vez mais difícil até a parada respiratória completa. Normalmente, o processo durava de várias horas a vários dias, dependendo da constituição física e das condições atmosféricas. O corpo permanecia na cruz até a morte confirmada ou até ordem superior de remoção.

Na sexta-feira da Páscoa judaica de 30 d. C., a situação foi excepcional. Os principais sacerdotes e fariseus dirigiram-se a Pilatos (Jo 19,31) pedindo que os corpos fossem retirados antes do pôr-do-sol. O motivo era duplo e estritamente ritual: a Lei proibia deixar um cadáver pendurado durante a noite, especialmente num dia santo (Dt 21,22-23: “Não deixarás o seu cadáver passar a noite na árvore”), e o contato com cadáveres gerava impureza ritual (*tumah*) que contaminaria a terra e o povo durante a festa da Páscoa. Pilatos autorizou a remoção antecipada.

Os soldados executaram a ordem com o profissionalismo típico das legiões. Aplicaram o *crurifragium* nos dois ladrões: com um malho pesado, fraturaram as tíbias e fíbulas de cada um. A quebra das pernas impedia o apoio para erguer o tórax, acelerando imediatamente a asfixia. Chegando a Jesus, os soldados constataram que ele já estava morto — ausência de movimento respiratório, de reação à dor e de rigidez incipiente. Por isso, dispensaram o *crurifragium*.

Para eliminar qualquer dúvida residual, um dos soldados realizou o golpe de verificação final com a lança romana (*lancea* ou, eventualmente, o ferro do *pilum*). A lâmina de ferro, de gume afiado e cerca de 20-30 cm de comprimento útil, foi introduzida no lado direito do tórax, aproximadamente na altura da axila, entre a quinta e a sexta costela. A trajetória ascendente e oblíqua perfurou a parede torácica, o pericárdio e atingiu a aurícula direita do coração (Barbet mediu experimentalmente em cadáveres a profundidade exata de 8-9 cm até o órgão).

O resultado foi imediato e característico de morte já estabelecida: saiu sangue escuro venoso (proveniente da aurícula direita e da veia cava superior) misturado a líquido seroso claro (hidropericárdico acumulado no saco pericárdico). A separação nítida entre o componente hemático e o soroso só ocorre horas após a parada cardíaca; em vida, o sangue arterial sairia em jatos sob pressão. Barbet demonstrou, por dissecação em dezenas de cadáveres e por análise forense, que esse fluxo é fisiologicamente incompatível com qualquer sinal residual de vida.

Portanto, a hipótese de que Jesus tenha sido descido da cruz ainda vivo é descartada de modo irrefutável. Os soldados romanos,

treinados em centenas de execuções, não cometeram erro de avaliação. O *crurifragium* foi omitido precisamente porque a morte já era evidente. O golpe de lança atingiu diretamente o coração e o pericárdio de um organismo que já não apresentava circulação nem respiração. A saída de sangue e água confirma a morte ocorrida bem antes do pôr-do-sol. Nenhum condenado jamais sobreviveu a esse protocolo completo.

APÊNDICE III
Stabat Mater

Quanto a ti, uma espada atravessará tua alma.
Do Evangelho segundo São Lucas (2,35).

O *Stabat Mater* é uma das sequências latinas mais profundas e emocionantes da tradição cristã. Ele descreve o sofrimento de Maria aos pés da cruz durante a crucificação de Jesus.

A narrativa é puramente contemplativa e empática. O texto não foca apenas na dor física de Cristo, mas na dor emocional da *Mater Dolorosa* (Mãe Dolorosa). O autor convida o fiel a se colocar no lugar de Maria, sentindo sua angústia para, através dessa compaixão, alcançar a purificação espiritual e a proteção divina no momento da morte.

A autoria é tradicionalmente atribuída a Jacopone da Todi (c. 1230-1306), um frade franciscano italiano conhecido por sua poesia mística. Outras fontes sugerem o Papa Inocêncio III ou São Boaventura, mas a atribuição a Jacopone é a mais aceita pelos historiadores da literatura medieval.

Este texto é tão poderoso que foi musicado por dezenas de compositores, incluindo Pergolesi, Rossini, Vivaldi, Dvořák e Poulenc. A versão de Pergolesi é, talvez, a mais famosa por sua delicadeza e melancolia.

Texto Latino

1. Stabat Mater dolorosa iuxta Crucem lacrimosa, dum pendebat Filius.
2. Cuius animam gementem, contristatam et dolentem pertransivit gladius.
3. O quam tristis et afflicta fuit illa benedicta, mater Unigeniti!

4. Quae moerebat et dolebat, pia Mater, dum videbat nati poenas incliti.
5. Quis est homo qui non fleret, matrem Christi si videret in tanto supplicio?
6. Quis non posset contristari, Christi Matrem contemplari dolentem cum Filio?
7. Pro peccatis suae gentis vidit Iesum in tormentis, et flagellis subditum.
8. Vidit suum dulcem Natum moriendo desolatum, dum emisit spiritum.
9. Eia, Mater, fons amoris me sentire vim doloris fac, ut tecum lugeam.
10. Fac, ut ardeat cor meum in amando Christum Deum ut sibi complaceam.
11. Sancta Mater, istud agas, crucifixi fige plagas cordi meo valide.
12. Tui Nati vulnerati, tam dignati pro me pati, poenas mecum divide.
13. Fac me tecum pie flere, crucifixo condolere, donec ego vixero.
14. Iuxta Crucem tecum stare, et me tibi sociare in planctu desidero.
15. Virgo virginum praeclara, mihi iam non sis amara, fac me tecum plangere.
16. Fac, ut portem Christi mortem, passionis fac consortem, et plagas recolere.
17. Fac me plagis vulnerari, fac me Cruce inebriari, et cruore Filii.
18. Flammis ne urar succensus, per te, Virgo, sim defensus in die iudicii.
19. Christe, cum sit hinc exire, da per Matrem me venire ad palmam victoriae.
20. Quando corpus morietur, fac, ut animae donetur paradisi gloria. Amen.

Tradução

1. Estava a Mãe dolorosa junto à cruz, em pranto, enquanto pendia o seu Filho.
2. Cuja alma gemente, entristecida e sofrendo, uma espada atravessou.

3. Oh, quão triste e aflita esteve aquela bendita Mãe do Unigênito!
4. Como sofria e se angustiava a piedosa Mãe, ao ver as penas do ilustre Filho.
5. Quem é o homem que não choraria se visse a Mãe de Cristo em tanto suplício?
6. Quem não se entristeceria ao contemplar a Mãe de Cristo sofrendo com seu Filho?
7. Pelos pecados de seu povo, viu Jesus em tormentos e submetido aos açoites.
8. Viu o seu doce Filho morrendo desolado, enquanto entregava o espírito.
9. Eia, Mãe, fonte de amor, faz-me sentir a força da dor para que eu chore contigo.
10. Faz que arda o meu coração no amor a Cristo Deus, para que eu possa agradá-lo.
11. Santa Mãe, faze isto: grava firmemente em meu coração as chagas do Crucificado.
12. Do teu Filho ferido, que tanto se dignou sofrer por mim, divide comigo as penas.
13. Faz-me chorar piamente contigo e condoer-me do Crucificado enquanto eu viver.
14. Desejo estar contigo junto à Cruz e unir-me a ti no pranto.
15. Virgem preclara entre as virgens, não sejas amarga comigo, faz-me chorar contigo.
16. Faz que eu carregue a morte de Cristo, torna-me participante de sua Paixão e que eu cultue suas chagas.
17. Faz que eu seja ferido por suas chagas, que eu me embriague com a Cruz e com o sangue do teu Filho.
18. Para que eu não queime nas chamas, serei por ti, Virgem, defendido no dia do juízo.
19. Ó Cristo, ao sair deste mundo, dai-me, por vossa Mãe, alcançar a palma da vitória.
20. Quando o corpo morrer, faz que à alma seja dada a glória do paraíso. Amém.

APÊNDICE IV

O sacrifício do Cordeiro fora dos muros,
o Véu do Templo e a nova Criação

O episódio da morte de Jesus fora das muralhas de Jerusalém contém dois eventos simbólicos que os próprios evangelistas registram como decisivos: o local do sacrifício e o rasgar do véu do Templo. Ambos apontam para uma ruptura de escala universal na lógica religiosa de Israel.

O sacrifício fora dos muros: da liturgia do Templo ao drama universal

No judaísmo do século I, o centro religioso era o Templo de Jerusalém. Ali funcionava um sistema sacrificial altamente regulamentado, administrado pela aristocracia sacerdotal. Entre esses ritos estava o sacrifício do cordeiro pascal, realizado no altar do Templo durante a festa da Páscoa judaica. Era um gesto litúrgico preciso: o animal era imolado no recinto sagrado e seu sangue oferecido como memorial da libertação do Egito.

A execução de Jesus ocorre num contexto radicalmente diferente. Ele é morto fora das muralhas da cidade, no local de execução romano conhecido como Gólgota, uma antiga pedreira que havia se tornado local de execução, um “lixão”.

Do ponto de vista institucional, trata-se de um lugar profano — espaço de punição política e criminal. O contraste é claro:

- o cordeiro pascal era sacrificado no altar do Templo, no coração do culto nacional; havia um sacrifício matutino à hora tércia (9h) e outro à hora nona (15h)
- Jesus morre fora do Templo e fora da cidade, sob autoridade romana, às 15h, no mesmo momento em que o cordeiro pascal era sacrificado no altar do Templo.

Historicamente, esse deslocamento tem uma consequência simbólica poderosa. Ao ocorrer fora do espaço sagrado de Israel, o evento deixa de pertencer apenas à liturgia do Templo e passa a acontecer no espaço aberto da história humana. O sacrifício não está mais confinado a um recinto cultual; ele acontece no mundo real, no espaço do império romano, diante de soldados, curiosos e condenados comuns.

Em termos de linguagem histórica, ocorre uma mudança de escala: o sacrifício deixa de ser ritual e nacional e passa a assumir um significado público e universal.

O Santo dos Santos

Para compreender o segundo evento, o rasgar do véu, é necessário entender a estrutura do Templo.

O Templo de Jerusalém possuía uma arquitetura hierárquica de santidade:

- os átrios externos, acessíveis ao povo;
- o Lugar Santo, onde os sacerdotes realizavam ritos cotidianos;
- o Santo dos Santos, a câmara mais sagrada.

O Santo dos Santos representava simbolicamente a presença de Deus. Apenas o sumo sacerdote podia entrar ali, e apenas uma vez por ano, no Dia da Expiação (*Yom Kippur*).

Entre o Lugar Santo e o Santo dos Santos havia uma enorme cortina — o Véu do Templo. Segundo descrições judaicas antigas, era uma peça monumental, espessa e de grandes dimensões, funcionando como uma barreira física e simbólica entre o espaço humano e a Presença divina.

Pesquisadores estimam as medidas do véu em 19 metros de altura, 9,5 metros de largura e talvez 8 centímetros de espessura, sendo confeccionado em várias camadas de linho e lã bordada.

Na prática, o véu materializava uma ideia central da religião judaica: Deus está presente, mas separado.

O véu rasgado

Os evangelhos sinóticos registram que, no momento da morte de Jesus, ocorreu um sinal inesperado: “E eis que o véu do templo se rasgou em duas partes, de alto a baixo” (Mt 27,51).

O detalhe da direção é particularmente significativo. Se o rasgo tivesse ocorrido de baixo para cima, poderia sugerir uma ação humana — alguém puxando o tecido. Mas o texto especifica: de alto a baixo.

O rasgo ocorreu

de cima para baixo,

do céu para a terra,

da eternidade para o tempo.

O evento, portanto, é lido como iniciativa divina, não humana.

O significado histórico do rasgo

O rasgar do véu indica três rupturas simultâneas no sistema religioso antigo.

Primeiro, o fim da separação ritual: o véu era a barreira que isolava o Santo dos Santos, lugar que simbolizava a presença divina. Sua ruptura indica que essa separação simbólica foi abolida.

Segundo, uma crise do sistema do Templo: o Templo era o centro econômico, político e religioso do judaísmo do período. O rasgar do véu pode ser interpretado como um sinal narrativo de que o antigo sistema sacrificial perdeu sua função. Alguns historiadores observam que o episódio também pode ser lido como um juízo simbólico sobre o próprio Templo, cuja centralidade religiosa estava sendo questionada. A interpretação ganha peso retrospectivamente, pois apenas quarenta anos depois, em 70 d.C., Jerusalém e o Templo seriam destruídos pelos romanos.

Terceiro, a universalização do acesso ao sagrado: se o Santo dos Santos representava a presença divina e estava fechado ao povo, o rasgar do véu indica que a barreira simbólica foi removida, e isso não apenas para os judeus mas para toda a humanidade, de todos os lugares e épocas.

A nova Criação

Quando o lado de Jesus foi perfurado pela lança do soldado romano, dele brotaram água e sangue — O Batismo e a Eucaristia. Do lado do Novo Adão, adormecido na Nova Árvore da Vida, surge a Nova Eva: a Igreja.

“Cristo, do seu lado, formou a Igreja, tal como do lado de Adão foi formada Eva; do mesmo modo que Eva foi formada do lado de Adão enquanto este dormia, assim também a Igreja foi formada do lado de Cristo, pendente na cruz” (Santo Ambrósio, *Exposição do Evangelho segundo Lucas*).

“Adão dorme para que Eva seja criada; Cristo morre para que a Igreja seja criada. Enquanto Adão dorme, Eva é formada de seu lado; quando Cristo morre, o seu lado é transpassado pela lança, para que dele manem os sacramentos com que é formada a Igreja” (Santo Agostinho, *Tratados sobre o Evangelho de João*).

“O nascimento e o crescimento da Igreja são significados pelo sangue e pela água que saíram do lado aberto de Jesus crucificado. Pois do lado de Adão adormecido na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja” (*Catecismo da Igreja Católica* - CIC).

Vamos ver isso em maior detalhe no próximo apêndice.

APÊNDICE V

A Igreja nasce na Cruz

Existe um encadeamento divino no plano da Salvação que culmina no alto do Gólgota. A Igreja não surge por acaso, não é fruto de uma reunião de simpatizantes e não ganha existência apenas quando as línguas de fogo caem sobre o Cenáculo, ou mesmo antes, quando o Senhor Jesus muda o nome do pescador Simão para Pedro e diz que sobre aquela pedra Ele ergueria a Sua Igreja. A Igreja nasce na Cruz.

Compreender este fato é o antídoto contra a diluição da Fé Católica. O Calvário não foi apenas o lugar da nossa redenção individual; ali nasce a Esposa do Cordeiro.

A preparação dos fundamentos: a escolha dos Doze

A fundação da Igreja começa no momento em que o Senhor Jesus Cristo chama 12 homens para segui-lO mais de perto. Ele teve muitos discípulos — por exemplo, os 72 enviados a todas as regiões de Israel —, inúmeros seguidores e multidões que ouviam seus ensinamentos e Lhe levavam os doentes para que fossem curados. Mas apóstolos foram 12. Dentre estes 12, três eram mais próximos: Pedro, Tiago e João. Simão, o pescador, filho de Jonas, recebeu o nome de Pedro e tornou-se o chefe do colégio apostólico. Entre os apóstolos estava também Judas Iscariotes, que traiu o Senhor entregando-O aos sacerdotes e doutores da Lei dos judeus.

Nenhuma pessoa em seu perfeito juízo escolheria um bando daqueles sequer para levar um recado na esquina, enquanto Deus em Pessoa os escolheu para levar o Evangelho ao mundo. Mas a surpresa se dissipa rapidamente ao mais breve olhar lançado para trás: para os homens e mulheres chamados e enviados por Deus desde Abraão até João Batista, e depois para a frente, por todos os que nos são apresentados no Novo Testamento, e de lá até os nossos dias. Ninguém ali é um docinho de coco nem o quindim de Iaiá. Existe um padrão muito claro sobre o tipo de gente que o Senhor escolhe.

Voltando a Pedro, está lá a sua profissão de fé: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo”, ao que o Senhor respondeu fixando a estrutura hierárquica da Sua Igreja:

“Chegando Jesus ao território de Cesaréia de Filipe, perguntou aos discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?”. Disseram: “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas”. Então lhes perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?”. Simão Pedro,

respondendo, disse: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”. Jesus respondeu-lhe: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim o meu Pai que está nos céus. Também te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus, e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus”. Em seguida, proibiu severamente aos discípulos de falarem a alguém que ele era o Cristo” (Mt 16, 13-20).

O ápice: o lado aberto do Novo Adão

O arco iniciado no recrutamento dos Apóstolos atinge o seu cume e consumação na Paixão. Aquele momento em o Senhor, com seus braços abertos na cruz traça entre os céus e a terra o sinal permanente da Nova Aliança, é o ponto de interseção de duas linhas: a da humanidade, ascendente, e a da Divindade, descendente, em que o Verbo de Deus se esvazia de si mesmo (*kenose*). É no Calvário, no momento em que a lança do soldado romano entra pouco abaixo da axila direita do Senhor e atinge o Seu coração, que a Igreja vem à luz. Do ferimento saem sangue e água (linfa), que são, respectivamente, a Eucaristia e o Batismo.

Do lado do Novo Adão, adormecido na nova Árvore da Vida, surge a Igreja, a Nova Eva, a Esposa do Cordeiro.

Essa tipologia profunda já estava profetizada na criação do homem em Gênesis:

“Então Iahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, Iahweh Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem. Então o homem exclamou: “Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada ‘mulher’, porque foi tirada do homem”. Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne” (Gn 2, 21-24).

O corpo crucificado de Cristo é também o Verdadeiro Templo profetizado por Ezequiel, de cujo lado direito jorra a água que traz vida e cura por onde passa:

“Reconduziu-me então para a entrada do Templo, e vi ali água que escorria de sob o limiar do Templo para o lado do oriente... A água escorria de sob o lado direito do Templo, do sul do altar... Resultará daí que em todo lugar por onde passar a torrente os seres vivos que o povoam terão vida. Haverá abundância de peixe, já que onde quer que esta água chegue ela levará salubridade, de modo que haverá

vida em todo lugar que a torrente atingir... Junto à torrente, em sua margem, de um lado e do outro, encontrar-se-á toda sorte de árvores de frutos comestíveis, cujas folhas não murcharão e cujos frutos não se esgotarão... porque a sua água provém do santuário" (Ez 47, 1-12).

O Evangelho de João registra o cumprimento exato dessas figurações bíblicas no instante supremo da morte do Senhor:

"Como era a Preparação, os judeus, para que os corpos não ficassem na cruz durante o sábado — porque esse sábado era um grande dia — pediram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas e fossem retirados. Vieram então os soldados e quebraram as pernas do primeiro e depois do outro, que foram crucificados com ele. Chegando a Jesus e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados traspassou-lhe o lado com a lança e imediatamente saiu sangue e água. Aquele que viu dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais, pois isso aconteceu para que se cumprisse a Escritura: *Nenhum osso lhe será quebrado*. E uma outra Escritura diz ainda: *Olharão para aquele que traspassaram*" (Jo 19, 31-37).

A Tradição e o Magistério da Igreja ratificam essa verdade de forma unânime. São João Crisóstomo ensina:

"Quereis compreender de outro modo a força deste sangue? Reparemos de onde começou a correr e de que fonte brotou. Começou a brotar na própria cruz e a sua fonte foi o lado do Senhor. Estando Jesus já morto e ainda pregado na cruz, conta o Evangelho que um soldado se aproximou, lhe abriu o lado com uma lança, e imediatamente brotou água e sangue. [...] Com efeito, foi daquele lado que Cristo edificou a Igreja, tal como do lado de Adão foi formada Eva, sua esposa. [...] Assim como Deus tomou o lado de Adão para formar a mulher, assim também Cristo nos deu a água e o sangue do seu próprio lado para formar a Igreja. E assim como Deus abriu o lado de Adão enquanto ele dormia, assim também Cristo nos deu o sangue e a água depois da sua morte. Vistes como Cristo se uniu à sua Esposa? Vistes com que alimento nos nutre? Do mesmo sangue recebemos a nossa origem e o nosso sustento" (São João Crisóstomo, *Catecheses ad illuminandos*, 3, 13-19).

O CIC e os Concílios resumem o dogma sem margem para dúvidas:

"Mas a Igreja nasceu principalmente do dom total de Cristo pela nossa salvação, antecipado na instituição da Eucaristia e realizado na cruz. Tal começo e crescimento da Igreja exprimem-nos o sangue e a água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado" (*Lumen Gentium* 3). Porque "foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o

sacramento admirável de toda a Igreja" (*Sacrosanctum Concilium* 5). Assim como Eva foi formada do costado de Adão adormecido, assim a Igreja nasceu do coração trespassado de Cristo, morto na cruz (cf. Santo Ambrósio, *Expositio Evangelii secundum Lucam* II, 85-89); (CIC §766).

E o Papa Pio XII, na encíclica *Mystici Corporis Christi* (n. 26), ataca de frente o erro comum, assentando de vez a questão:

"A Igreja nasceu na cruz do lado do Salvador como um novo Adão, mãe de todos os viventes; e foi manifestada e comunicada aos homens no dia de Pentecostes, quando os Apóstolos foram cheios do Espírito Santo".

A manifestação em Pentecostes e a confirmação de Pedro

A Igreja, portanto, já estava gerada, constituída e nascida na Cruz. Pentecostes não é o seu nascimento, mas a sua manifestação pública ao mundo. Usando uma analogia simples: a Cruz foi o parto; Pentecostes foi o envio da Igreja recém-nascida às praças públicas, impulsionada pelo Espírito Santo como sua alma.

Mesmo após a Ressurreição e antes dessa manifestação pública, o Senhor reitera e confirma a autoridade da hierarquia que havia fundado. Ele assopra sobre eles concedendo o poder sacramental: "Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados. Aqueles a quem os retiverdes, serão retidos" (Jo 20, 22-23). E, nas praias de Tiberíades, reabilita e estabelece definitivamente o comando de Pedro sobre todo o Seu rebanho:

"Depois de comerem, Jesus disse a Simão Pedro: "Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?". Ele lhe respondeu: "Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Jesus lhe disse: "Apascenta os meus cordeiros". Uma segunda vez lhe disse: "Simão, filho de João, tu me amas?". "Sim, Senhor", disse ele, "tu sabes que te amo". Disse-lhe Jesus: "Apascenta as minhas ovelhas". Pela terceira vez disse-lhe: "Simão, filho de João, tu me amas?". Entristeceu-se Pedro porque pela terceira vez lhe perguntara "Tu me amas?", e lhe disse: "Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo". Jesus lhe disse: "Apascenta as minhas ovelhas... Segue-me" (Jo 21, 15-19).

Num acesso de honestidade, Pedro só foi capaz de dizer que *gostava* muito do Senhor (usando o verbo *phileo*, de amizade, enquanto Jesus lhe pedia *agapao*, o amor sacrificial), o que não impediu o Senhor de ordenar três vezes ao Pescador: *Apascenta as minhas ovelhas*. O Senhor era o Bom Pastor. Não entregaria Seu rebanho nas mãos de qualquer um, e Pedro, o Pescador, se viu investido também na função de Pastor, tendo recebido para isso a necessária autoridade da única

Pessoa que poderia concedê-la, sem consideração quer pelas virtudes humanos, quer muito menos pelo número.

A primazia do Magistério divinamente Instituído

Depois de Pentecostes, tendo apenas o dado bruto da Revelação nas mãos e sem uma única linha do Novo Testamento escrita, o Magistério divinamente instituído começou a agir com base na autoridade que lhe foi concedida na Cruz e confirmada na Ressurreição, sem recorrer a nada mais — até porque não havia ao que recorrer.

A Igreja em funcionamento imediato substituiu Judas no Colégio Apostólico elegendo Matias, criou e ordenou os primeiros diáconos, e no Concílio de Jerusalém decretou que os cristãos não estavam obrigados ao cumprimento da lei ritual de Moisés. Anos mais tarde, foi essa mesma Igreja que escreveu os livros do Novo Testamento e, sob a assistência do Espírito Santo, bateu o martelo para definir quais escritos eram divinamente inspirados e quais eram apócrifos.

O Magistério não recebeu sua autoridade da Bíblia; foi a Bíblia que recebeu seu selo de autenticidade da autoridade da Igreja.

Conforme as controvérsias surgiam ao longo dos séculos, elas eram debatidas livremente até que o Magistério vinha e definia o dogma e a moral sem depender de virtudes humanas ou sem prejuízo pelas limitações de seus membros, contando unicamente com a promessa do Senhor feita no Calvário e selada no Cenáculo. Em questões de Fé e Moral, o Sucessor de Pedro, reunido com os Sucessores dos Apóstolos, é infalível pela assistência do Espírito Santo prometida pelo Senhor: “Eu vos enviarei o Paráclito”.

A Igreja não é, portanto, um grupo de pessoas mais ou menos sérias, honestas, bem intencionadas, estudiosas e virtuosas. Ao contrário: é gente que logo no começo da missa admite que pecou, muitas vezes, por pensamentos, palavras, atos e omissões, por sua exclusiva responsabilidade. E são esses vasos de barro que carregam o tesouro dos abundantes bens para a conversão e salvação do mundo.

APÊNDICE VI
O Grande Silêncio

Que está acontecendo hoje? Um grande silêncio reina sobre a terra. Um grande silêncio e uma grande solidão. Um grande silêncio porque o Rei está dormindo; a terra estremeceu e ficou silenciosa, porque o Deus feito homem adormeceu e acordou os que dormiam há séculos.

Deus morreu na carne e despertou a mansão dos mortos.

Ele vai, antes de tudo, à procura de Adão, nosso primeiro pai, a ovelha perdida. Faz questão de visitar os que estão mergulhados nas trevas e na sombra da morte. Deus e seu Filho vão ao encontro de Adão e Eva cativos, e agora libertos dos sofrimentos.

O Senhor entrou onde eles estavam, levando em suas mãos a arma da cruz vitoriosa. Quando Adão, nosso primeiro pai, o viu, exclamou para todos os demais, batendo no peito e cheio de admiração: “O meu Senhor está no meio de nós”. E Cristo respondeu a Adão: “E com teu espírito”. E tomando-o pela mão, disse: “Acorda, tu que dormes, levanta dentre os mortos, e Cristo te iluminará. Eu sou o teu Deus, que por tua causa me tornei teu filho; por ti e por aqueles que nasceram de ti, agora digo, e com todo o meu poder, ordeno aos que estavam na prisão: “Saí!”; e aos que jaziam nas trevas: “Vinde para a luz!”; e aos entorpecidos: “Levantai-vos!”.

“Eu te ordeno: Acorda, tu que dormes, porque não te criei para permaneceres na mansão dos mortos. Levanta-te, obra de minhas mãos; eu sou a vida dos mortos. Levanta-te, ó minha imagem, tu que foste criado à minha semelhança. Levanta-te, saiamos daqui; tu em mim e eu em ti, somos uma só e indivisível pessoa.

“Por ti, eu, o teu Deus, me tornei teu filho; por ti, eu, o Senhor, tomei tua condição de escravo. Por ti, eu, que habito no mais alto dos céus, desci à terra, e fui mesmo sepultado abaixo da terra; por ti, feito homem tornei-me como alguém sem apoio, abandonado entre os mortos. Por ti, que deixaste o jardim do paraíso, ao sair de um jardim fui entregue aos judeus, e, num jardim, crucificado.

“Vê em meu rosto os escarros que por ti recebi, para restituir-te o sopro da vida original. Vê nas minhas faces as bofetadas que levei para restaurar, conforme à minha imagem, a tua beleza corrompida. Vê em minhas costas as marcas dos açoites que suportei por ti para retirar dos teus ombros o peso do pecado. Vê minhas mãos fortemente pregadas à árvore da cruz, por causa de ti, como outrora estendeste levianamente tuas mãos para a árvore do paraíso. Adormeci na cruz e por tua causa a lança penetrou no meu lado, como Eva surgiu do teu, ao adormeceres no paraíso. Meu lado curou a dor do teu lado. Meu sono vai arrancar-te do sono da morte. Minha lança deteve a lança que estava voltada contra ti.

“Levanta-te, vamos daqui. O inimigo te expulsou da terra do paraíso; eu, porém, já não te coloco no paraíso mas num trono celeste. O inimigo afastou de ti a árvore, símbolo da vida; eu, porém, que sou a vida, estou agora junto de ti. Constituí anjos que, como servos, te

guardassem; ordeno agora que eles te adorem como Deus, embora não sejas Deus. Está preparado o trono dos querubins, prontos e a postos os mensageiros, constituído o leito nupcial, preparado o banquete, as mansões e os tabernáculos eternos adornados, abertos os tesouros de todos os bens e o reino dos céus preparado para ti desde toda a eternidade".

(Homilia do século IV, de autor grego desconhecido, incorporada pela Igreja à liturgia do Sábado Santo)

APÊNDICE VII
Na missa, estamos no Calvário

A Fé Católica sempre viu na missa algo que ultrapassa a simples recordação de um acontecimento passado. Quando a Igreja celebra a Eucaristia, não está apenas evocando a morte de Cristo como quem relembra um fato histórico. O que se dá no altar pertence à mesma realidade do que ocorreu no Calvário. Não se trata de uma repetição do sacrifício da cruz, como se Cristo fosse novamente imolado, mas de um prolongamento daquele único sacrifício no tempo e no espaço, de modo sacramental.

No Calvário, Cristo ofereceu a si mesmo ao Pai pela salvação do mundo. Esse sacrifício foi perfeito e suficiente, realizado uma vez por todas. A Igreja nunca ensinou que a missa acrescenta algo ao que Cristo já fez. Pelo contrário, afirma que aquilo que aconteceu na cruz é tornado presente sacramentalmente cada vez que a Eucaristia é celebrada. O acontecimento é o mesmo; muda apenas o modo pelo qual se manifesta. Na cruz ele se deu de maneira sangrenta, visível e histórica. Na missa ele se torna presente de modo sacramental e incruento, sob os sinais do pão e do vinho.

Essa presença sacrificial se realiza no momento da consagração. Quando o sacerdote pronuncia as palavras que Cristo disse na Última Ceia — "Isto é o meu corpo", "Este é o cálice do meu sangue" —, a Igreja professa que o próprio Cristo age por meio dele. O sacerdote não fala em nome próprio, como quem narra algo que ocorreu no passado. Ele age *in persona Christi*, isto é, na pessoa do próprio Cristo.

A tradição católica chama de *transubstanciação* a mudança que então ocorre, de modo miraculoso. O pão e o vinho permanecem com a aparência sensível que sempre tiveram, com as mesmas propriedades físico-químicas, mas sua realidade profunda, sua *substância* — aquilo que faz algo ser o que é — é transformada. O que antes era pão

torna-se o corpo de Cristo; o que antes era vinho torna-se o seu sangue. Não se trata de símbolo nem de mera representação. Nas espécies consagradas está realmente presente Cristo inteiro: corpo, sangue, alma e divindade. Onde está o corpo de Cristo está também o seu sangue; onde está o sangue está também a sua alma e a sua divindade. A presença é plena e verdadeira.

Essa presença eucarística está inseparavelmente ligada ao sacrifício da cruz. Na missa, Cristo não é novamente crucificado, mas o sacrifício do Calvário prolonga-se no tempo e no espaço. É o mesmo Cristo que se oferece ao Pai. O que muda é apenas o modo de oferecimento. Na cruz houve derramamento de sangue; na missa o sacrifício se realiza de forma sacramental, sem sangue, sob as espécies do pão e do vinho. A Igreja sempre descreveu esse oferecimento como incruento, mas nunca como menos real. Pelo contrário, trata-se do mesmo ato redentor, tornado presente de maneira misteriosa.

Por isso a missa não é apenas uma reunião de oração nem uma recordação piedosa. Ela é o lugar onde a Igreja participa do sacrifício de Cristo. O altar corresponde sacramentalmente ao Calvário. Quando o sacerdote eleva o corpo e o sangue do Senhor, a Igreja contempla o mesmo mistério que se realizou na cruz. Aquele que ali está é o mesmo Cristo que entregou a vida pela humanidade.

Essa compreensão ajuda a perceber a profundidade do que ocorre durante a celebração. Quem está presente à missa não assiste apenas a um rito religioso. A Fé Católica afirma que, naquele momento, o sacrifício de Cristo se torna presente diante da assembleia. Aquilo que ocorreu historicamente em Jerusalém atravessa os séculos e alcança cada altar onde a Eucaristia é celebrada, e será assim até o retorno glorioso do Senhor no fim dos tempos.

É nesse sentido que muitos autores espirituais afirmam que, na missa, os fiéis se encontram espiritualmente ao pé da cruz. Maria, João e Maria Madalena estiveram ali quando Cristo entregou a vida. A Igreja não pretende dizer que o drama histórico se repete, mas que o mesmo sacrifício redentor se torna presente de modo sacramental. Assim, quem participa da missa contempla, com os olhos da fé, o mesmo Senhor que morreu pela salvação do mundo.

Essa presença sacrificial explica também a atitude de adoração que a Igreja sempre dedicou à Eucaristia. Se nas espécies consagradas está verdadeiramente o próprio Cristo, então ali está o mesmo Senhor que nasceu de Maria, que pregou na Galileia, que morreu na cruz e que ressuscitou dos mortos. A Eucaristia não é apenas um dom entre

outros; é o próprio Cristo entregue à sua Igreja.

Por essa razão a tradição cristã sempre considerou a missa o centro da vida da Igreja. Nela se atualiza o sacrifício que reconciliou a humanidade com Deus. Nela os fiéis se unem à oferta de Cristo ao Pai. E nela o Senhor permanece realmente presente, oferecendo-se como alimento espiritual para o Seu povo.

Desse modo, quando a Igreja se reúne para celebrar a Eucaristia, o que se torna presente não é simplesmente um símbolo do Calvário, mas o próprio mistério da redenção. O sacrifício de Cristo, realizado uma vez na história, alcança cada geração. No altar, sob os sinais humildes do pão e do vinho, está o mesmo Cristo que se entregou na cruz, agora presente de modo sacramental, verdadeiro e salvador.

"Nossa Senhora, São João Evangelista, Santa Maria Madalena e as mulheres piedosas, junto da Cruz, não estavam ali por mera observação; estavam em silêncio, em lágrimas e em profunda oração. O fiel deve imitá-los na Santa Missa, pois ali se renova o mesmo Mistério da Paixão" (São Padre Pio de Pietrelcina).

APÊNDICE VIII
A INDULGÊNCIA DA VIA-SACRA

De acordo com o *Enchiridion Indulgentiarum* (*Manual das Indulgências*) da Igreja Católica (Concessão nº 23), a indulgência plenária pela realização do piedoso exercício da Via-Sacra pode ser lucrada *todos os dias* do ano, e não apenas em datas específicas.

Não há uma época do ano restrita (como a Quaresma) ou um dia específico da semana (como as sextas-feiras) exigido pela Igreja; o fiel pode receber essa graça diariamente, desde que cumpra as condições estabelecidas.

No entanto, existem *circunstâncias*, *locais* e *regras específicas* para que o ato da Via-Sacra conceda a indulgência plenária:

Uso de estações legítimas: O exercício deve ser feito diante de 14 estações da Via-Sacra legitimamente erigidas (com as respectivas cruzes de madeira, geralmente acompanhadas por quadros ou imagens).

Movimentação física: Exige-se o movimento de uma estação para a outra. Ou seja, o fiel deve caminhar de estação em estação enquanto medita.

Exceção: Se a Via-Sacra for feita publicamente e de forma

comunitária (por exemplo, na igreja inteira), basta que o dirigente se desloque de estação em estação, enquanto os demais fiéis permanecem em seus lugares, acompanhando devotamente com o corpo e a mente.

A devoção essencial: Consiste na leitura piedosa e na meditação da Paixão e Morte do Senhor. Não é obrigatório o uso de textos ou orações longas específicas para cada estação, embora seja o costume; o requisito central é a meditação interior sobre o mistério da dor de Cristo.

Casos especiais (impossibilitados)

Para os fiéis que estão legitimamente impedidos de ir a uma igreja ou local com as estações erigidas (como doentes, idosos, prisioneiros ou pessoas em locais isolados), a Igreja concede a indulgência plenária sob a seguinte circunstância:

Dedicar pelo menos 15 minutos à leitura piedosa e meditação da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Devem ser observadas, ainda, as Condições Gerais para a obtenção de indulgências. Segundo o *Enchiridion Indulgentiarum* e o CIC, são necessárias as chamadas “quatro condições ordinárias”:

- Disposição interior (desapego do pecado): É indispensável a repulsa e exclusão total de qualquer afeto ou apego a qualquer pecado, inclusive o pecado venial. Se faltar essa perfeita disposição, a indulgência torna-se apenas parcial.
- Confissão sacramental: Deve ser realizada individualmente. Uma única confissão bem-feita e em estado de graça é suficiente para lucrar várias indulgências plenárias ao longo de alguns dias (cerca de 20 dias antes ou depois da obra prescrita).
- Comunhão Eucarística: É necessária uma comunhão sacramental distinta para cada indulgência que se deseja lucrar, recebida de preferência no próprio dia em que se realiza a obra.
- Oração nas intenções do papa: Deve ser feita para cada indulgência individualmente, rezando-se ao menos um Pai-Nosso e uma Ave-Maria (ou outra oração conforme a devoção do fiel) em perfeita comunhão com as intenções do Sumo Pontífice.

(Cf. *O Pequeno e Prático Guia do Católico Raiz sobre as Indulgências*)

PARA SABER MAIS E MELHOR

AZEVEDO, Sílvio Murilo M. *Flávio Josefo como fonte para o judaísmo do Segundo Templo*. Ad Aeternum, v. 2, n. 9, 2025.

BARBET, Pierre. *A paixão de Cristo segundo o cirurgião*. São Paulo: Loyola, 1966.

BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Vol. I. Brasília: Senado Federal, 2008.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Onde surgiu a Via-Sacra?* Disponível em: https://comshalom.org/onde-surgiu-a-via-sacra/. Acesso em: 15 mar. 2026.

CUSTÓDIA FRANCISCANA DA TERRA SANTA. *A Custódia e sua história*. Disponível em: https://www.custodia.org/pt-pt/custodia-e-sua-historia/. Acesso em: 15 mar. 2026.

FRANCISCANOS DO BRASIL. *São Leonardo de Porto Maurício*. Disponível em: https://franciscanos.org.br/carisma/calendario/sao-leonardo-de-porto-mauricio. Acesso em: 15 mar. 2026.

IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000.

IGREJA CATÓLICA. Concílio de Trento. *Decretos do Concílio de Trento*. Petrópolis: Vozes, 1997.

IGREJA CATÓLICA. Concílio Vaticano II. *Constituição Sacrosanctum Concilium: sobre a sagrada liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2001.

IGREJA CATÓLICA. *Manual das Indulgências — normas e concessões*. Disponível em: https://www.presbiteros.org.br/wp-content/uploads/2011/12/Manual-de-Indulg%C3%AAncias.pdf. Acesso em: 15 mar. 2026.

JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Paulinas, 2003.

JOSEFO, Flávio. *A Guerra dos Judeus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, várias edições.

MESSORI, Vittorio. *Hipóteses sobre Jesus*. São Paulo: Paulinas,

1978.

MESSORI, Vittorio. *Padeceu sob Pôncio Pilatos?* — Uma pesquisa sobre a paixão e morte de Jesus. São Paulo: Santuário, 1993.

REGINA FIDEI. *Como nasceu a Via-Sacra?* Disponível em: https://reginafidei.com.br/como-nasceu-a-via-sacra/. Acesso em: 15 mar. 2026.

SHERWIN-WHITE, A. N. *O processo de Jesus: aspectos jurídicos e históricos*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

* * *

Do mesmo autor

Série **O Pequeno e Prático Guia do Católico Raiz**:

— para a Santa Missa;

— para o Leitor Litúrgico;

— sobre a Bíblia;

— para o Santo Rosário (com um estudo sobre a *Sub tuum praesidium* — a primeira oração mariana);

— para a Via-Sacra;

— sobre as Indulgências.

Série **Antiga Aliança:**

Tobias — O Livro da Misericórdia

O Livro de Jó